

O COORDENADOR PEDAGÓGICO E A FORMAÇÃO DE PROFESSORES PARA A REALIDADE DA ECOPEDAGOGIA

Cynthia Regina Camacho Soares¹

Thaís Cardoso Santos²

RESUMO

A condição de rápidas mudanças por que passa o meio ambiente, vem exigindo atitudes concretas que venham atenuar os problemas ambientais cada vez mais presentes atualmente. Diante disso, o seguinte texto versa sobre como o coordenador pedagógico escolar, enquanto agente formador da escola pode viabilizar a efetivação de um projeto que tenha como base os princípios da ecopedagogia. Mostrando de forma objetiva que a educação configura-se como um fator gerador de mudanças, ao assumir sua função de atender as necessidades sociais. Assim verificou-se que a ecopedagogia nasce nessa perspectiva de reinventar a prática pedagógica para atender as novas demandas ambientais. Formando cidadãos planetários e sensíveis, que pensando local e globalmente busquem soluções para a degradação ambiental. Com o objetivo de mostrar a importância do coordenador pedagógico escolar no que diz respeito à formação de novos professores conscientes da importância de sua prática pedagógica para a construção de um mundo sustentável é que esse texto foi pensado. Buscou-se o entendimento através de uma revisão bibliográfica nos principais autores que abordam a ecopedagogia como um movimento para a formação de uma sociedade sustentável e aqueles que trazem o coordenador pedagógico escolar como um dos atores fundamentais para a construção de práticas pedagógicas que estejam intrinsecamente relacionadas com a sensibilização do educando para a proteção do meio ambiente. A partir desse estudo, observa-se que os paradigmas que compõem a ecopedagogia, são desafios que podem ser vencidos quando o coordenador pedagógico escolar executa de forma eficiente sua principal função dentro da escola, que é a de formar professores que assumam o compromisso de sensibilizar seus alunos para as questões ambientais.

Palavras-Chave: Ecopedagogia. Coordenador Pedagógico. Formação de Professores.

1 INTRODUÇÃO

A melhor maneira de prever com certeza o futuro é realizá-lo desde agora. (Moacir Gadotti)

1 Graduada em Pedagogia pela Faculdade Pio Décimo. Pós-Graduada em Coordenação Pedagógica pela Faculdade Pio Décimo. E-mail: cynthia-rs@hotmail.com

2 Graduada em Pedagogia pela Faculdade Amadeus. Graduada em História pela Universidade Tiradentes. Pós-Graduada em Coordenação Pedagógica pela Faculdade Pio Décimo. E-mail: tcsantosdiscipula@hotmail.com.

O hodierno trabalho aborda a importância do coordenador pedagógico escolar para consolidação de uma educação pautada na cidadania e sustentabilidade, através da formação de professores para atuar na construção de paradigmas educacionais que tenham como principal função formar cidadãos críticos e conscientes não só da sua realidade, como também sensível aos problemas ambientais que atingem todo o mundo.

O planeta vem sofrendo ao longo dos anos impactos ambientais de todos os tipos causados diretamente pela ação do homem que de forma subjetiva ignora a importância dos recursos ambientais para sua sobrevivência. E hoje se depara com uma situação de degradação que precisa ser revertida, no entanto, as relações de poder existentes na política, na economia, na cultura e na educação tornam esse trabalho cada vez mais difícil à medida que se preocupam apenas com os lucros que a exploração desordenada do ambiente vem gerando para uma minoria detentora do poder.

Historicamente, o capitalismo deliberou a separação do homem e natureza, como consequência disso, encontra-se o cenário de degradação observado hoje. Sabendo que a educação é uma ferramenta fundamental para o momento de urgência da construção de uma escola com uma práxis educativa baseada na formação de cidadãos capazes de modificar a realidade a sua volta. Foi que a educação ambiental foi inicialmente pensada.

Não obstante, a educação ambiental muitas vezes limitou-se ao ambiente externo sem se confrontar com os valores sociais, com os outros, com a solidariedade, não pondo em questão a politicidade da educação e do conhecimento.

É nesse sentido que esse texto versa sobre os paradigmas que compõem a ecopedagogia, bem como o papel que o coordenador pedagógico exerce para a construção de práticas pedagógicas que levem as pessoas a assumir um compromisso com o meio ambiente. Entendendo a escola como um espaço de fomentação cultural, no qual um coordenador pedagógico transformador, pode junto com a comunidade escolar elaborar e organizar ações pedagógicas que propiciem a efetivação de um currículo ecopedagógico.

Diante disso, o presente trabalho tem como objetivo, refletir sobre como o coordenador pedagógico escolar pode usar sua característica principal de líder para promover uma cultura ecopedagógica, tendo como foco inicial de suas atividades a

formação dos professores para que atuem de forma ativa dentro do paradigma da complexidade ao qual a sociedade atual está imersa.

Nesse contexto, será analisada a real responsabilidade do homem e suas relações diante dos problemas ambientais enfrentados atualmente. Cientes de que a educação tem um papel fundamental para a mudança de pensamento e fomentação de um olhar mais sensível para o planeta.

Além disso, tornar sólida a ideia da constituição da ecopedagogia, como um novo movimento pedagógico para a formação de uma sociedade sustentável. Mostrando a importância de um coordenador pedagógico escolar comprometido e disposto a transpor os obstáculos que a ecopedagogia traz diante da realidade global e suas implicações na educação.

O referido texto caracteriza-se como pesquisa bibliográfica, empregando uma abordagem qualitativa, ao explicitar a nova forma de fazer educação que vem sendo construída em resposta a crise ambiental em que o homem está imerso. Refletindo principalmente as teorias de Francisco Gutiérrez, Moacir Gadotti, Fernando Hernández, Edgar Morin e Aloisio Ruscheinsky.

Desta maneira, pode-se inferir que a educação necessitará ser reorientada com os princípios da sustentabilidade, ao formar cidadãos conscientes e ativos dos impactos ambientais que vêm causando. Entendendo que o coordenador pedagógico tem papel de fundamental importância ao incentivar seu corpo docente para que juntos construam um currículo e o projeto político pedagógico baseado na comunidade em que está inserido e com um pensamento global e sensível para a realidade do planeta.

2 EDUCAÇÃO COMO MUDANÇA SOCIAL

A discussão em torno do papel da educação na sociedade não é nova, visto esta como meio fundamental para o progresso de uma nação. No entanto, a tendência da educação ao longo do tempo, vem sendo a de reproduzir as condições econômicas, sociais e culturais da ordem vigente, garantindo assim o controle social por parte de uma minoria detentora do poder que estabelece e seleciona o currículo que a educação deve seguir, de acordo com os seus interesses.

Dessa forma, o modo de produção capitalista contribui para que essas relações de poder se tornem cada vez mais fortes, à medida que a classe dominante faz

prevalecer seus principais paradigmas. Pois como afirma Morin (2011, p.114) “um paradigma impera sobre as mentes porque institui os conceitos soberanos e sua relação lógica (disjunção, conjunção, implicação), que governam, ocultamente, as concepções e as teorias científicas, realizadas sob seu império.”

Assim, valendo-se de paradigmas como o da fragmentação dos saberes, a fantasia da objetividade, a separação do sujeito, do objeto de estudo e do conhecimento, é que o sistema capitalista vem trazendo efeitos nocivos para os campos de desenvolvimento e consequentemente na educação. É salutar observar, que a educação tanto pode ser um verdadeiro fator de mudança social como pode ser um conservador do processo educativo construído para privilegiar uma minoria detentora do poder.

Por sua vez, a educação se depara com um dos seus mais importantes desafios, o de construir um paradigma baseado na cidadania planetária e na sustentabilidade, pois como nos lembra Gadotti (2000, p. 241) “Nosso futuro comum depende de nossa capacidade de entender, hoje, a situação dramática na qual se está devido à deterioração do meio ambiente”.

Com o objetivo de formar pessoas conscientes dos problemas ambientais que atingem o mundo para que possam atuar de forma a modificar a realidade de degradação que o planeta vem passando e que não suportará tamanha destruição por muito tempo, como afirma Morin (2011, p.38):

Nós domamos a natureza vegetal e animal, pensamos ser senhores e donos da Terra, os conquistadores, mesmo, do cosmo. Mas – como começamos a tomar consciência – dependemos de modo vital da biosfera terrestre e devemos reconhecer nossa muito física e muito biológica identidade terrena.

Diante de tudo isso, o termo sustentabilidade tem se tornado comum, e muito se tem discutido sobre como a sociedade precisa se tornar mais sustentável. Essas discussões pouco tem se transformado em ações efetivas de construção de uma sociedade mais sustentável e acaba levando o termo ao senso comum. E para que a sustentabilidade banalizada atualmente se torne o novo paradigma de desenvolvimento econômico e social, a educação tem um papel fundamental.

O futuro é cada vez mais difícil de ser pensando se continuarmos reproduzindo esse modelo de desenvolvimento que visa apenas o ciclo econômico da produção, consumo e lucro, explorando indiscriminadamente os recursos naturais e esquecendo-se que os mesmos são finitos. Como infere Gadotti (2007, p. 111):

A degradação ambiental é consequência do modo de produção centrado no capital. É preciso centrar o processo de produção no modo de existir, na ecologia. É preciso ecologizar a economia e economizar a ecologia: submeter a economia ao controle ecológico e fazer com que a ecologia deixe de ser “ingênua”, “contemplativa”, modernizando-a, fazendo com que preserve o desenvolvimento humano.

Nesse sentido, inserida em uma sociedade predominantemente formada por países capitalistas. A educação se constitui em um produto das relações de poder existentes dentro desse modelo econômico predominante. No entanto, existe a possibilidade de se pensar educação dentro de uma cultura de sustentabilidade global, ao adaptar seus conteúdos à própria evolução da sociedade, sendo o ambiente escolar, concretizado principalmente na pessoa do coordenador pedagógico escolar e do professor, os responsáveis pela instauração de uma real cultura sustentável.

Silva e Polenz (2002, p.267), salientam que:

As salas de aula, desde a Educação Infantil até a Universidade, são espaços que podem ser aproveitados para possibilitar tomadas de consciência de que sempre seremos responsáveis pelas definições históricas, quer através de atitudes de posicionamento, quer através de atitudes de passividade.

A tradição escolar atualmente tem impedido o desenvolvimento de uma cultura pedagógica que abrace e valorize a importância de uma educação voltada para a sustentabilidade, pois segrega o fazer pedagógico diário, do contexto em que o aluno está inserido. Dessa maneira, deixa-se de lado a expressão do pensamento que o ser humano apresenta, em reunir conceitos, fatos e experiências para chegar ao resultado final da avaliação de um problema, continuando assim, centrada no conhecimento do professor, do livro didático e de outros recursos que não são suficientes para garantir a aprendizagem de forma contextualizada do aluno.

Compreende-se nessa perspectiva, que a educação assim permanece passiva diante dos problemas ambientais vigentes. Entendendo que vivemos numa época caracterizada pelo desenvolvimento acelerado dos sistemas de informação, é importante ressaltar que essas informações precisam se tornar conteúdos significativos para os alunos, contrapondo-se a uma prática comumente observada nas salas de aula, onde o processo de ensino e aprendizagem ocorre numa homogeneidade de ritmos, estratégias e pressupostos educativos para todos os participantes do processo, independente da origem social, da identidade e das experiências vivenciadas. A prática escolar utilizada pela maioria dos educadores nessa ótica não respeita a totalidade das dimensões

humanas dos sujeitos e em nada contribuem para a sensibilização dos alunos às questões ambientais.

Infelizmente, é notória a inclinação da educação para essa atitude passiva, pois além de valer-se dessas práticas desconectadas da realidade, “a omissão diante dos fatos é respaldada pela justificativa de que não somos fortes o suficiente para alterar o contexto e a tendência dos educadores é se incluir no grupo dos passivos” (SILVA e POLENZ, 2002, p.267). Ainda que inconscientemente, um professor que é formado dentro de uma ideologia que tem por objetivo sua alienação, não consegue discernir o poder de mudança que tem a sua prática pedagógica.

Assim, os educadores pautam suas atividades pedagógicas, no ensinar a ler, escrever e se profissionalizar, não valorizando a mentalidade crítica que os alunos trazem. Deixa claro assim, o esforço de integrar o indivíduo na máquina global. Essa passividade abrandou a disposição dos educadores de encarar as dificuldades atuais como desafios. Muitas mudanças vêm acontecendo na sociedade e nos saberes, todavia a escola ainda responde a essas modificações de forma muito lenta.

Por sua vez, discorre Hernández (1998, p.49-50) que:

Começam a ser elaboradas alternativas propostas pelos docentes que tentam, com seus alunos, aprender de outra maneira, centrando-se em problemas relacionados com sua cultura e com sua realidade, e que podem ser objeto de pesquisa. [...] Esses docentes tratam de ser mais flexíveis com o uso do tempo e do espaço (rompendo os limites do dentro e do fora da Escola), e começam a trabalhar de maneira cooperativa, e não cada docente em sua sala, e em sua disciplina. São os professores que, às vezes sem estar conscientes disso, tentam restabelecer o significado do saber escolar.

Torna-se evidente que, no contexto atual o professor adquiriu um legado muito grande que lhes conferiu maior credibilidade enquanto mediador dessa tomada de consciência do ensino como mudança real. Aproximar as práticas pedagógicas da cultura em que os educandos estão inseridos, faz com que tomem consciência de si mesmos e sobre o mundo, ou seja, favorece a formação não só de cidadãos conscientes do seu real papel na sociedade, como também, a consolidação de uma cidadania planetária dentro da escola.

Entendendo que a “Cidadania planetária é uma expressão adotada para expressar um conjunto de princípios, valores, atitudes e comportamentos que demonstra uma nova percepção da Terra como uma única comunidade.” (GADOTTI, 2000, p.135). É que se

percebe a urgência em se repensar a função da escola para a formação de cidadãos planetários e é nesse momento que nascem as práticas baseadas na ecopedagogia, exigindo e impelindo novos professores a terem por essencial o entendimento de que a ecopedagogia compõe uma área que estuda proposital e criteriosamente as consequências das atitudes do homem no meio ambiente.

O termo ecopedagogia foi inicialmente pensado por Francisco Gutiérrez, pesquisador do pensamento Freiriano, que a definiu como um modo a sintetizar ações do cotidiano para a promoção da sustentabilidade social defendendo ações com sentido na vida cotidiana, sendo estas, capazes de direcionar atitudes no viés ecológico. Dessa maneira, surge a ecopedagogia como uma pedagogia baseada por um novo paradigma educacional. Uma educação que proporcione a formação de uma cultura da sustentabilidade. Dentro de uma sociedade desigual e injusta, torna-se evidente que os desafios dessa proposta são muitos, no entanto, a ecopedagogia traz em seu bojo a utopia, a possibilidade da construção de uma sociedade nova e de uma educação com sentido.

São muitos os obstáculos para a consolidação desse novo paradigma educacional, mas a educação não pode ficar na reflexão simplória das dificuldades e continuar com as atitudes passivas que vem dando a todas as mudanças que estão acontecendo fora da escola. É imprescindível, dar os primeiros passos e a ecopedagogia surge como uma luz a ser seguida por aqueles que realmente assumem atitudes de posicionamento para que criem condições para a verdadeira transformação social. Gadotti a este respeito diz (2007, p.189).

Educar para outros mundos possíveis, é fazer da educação, tanto formal quanto não formal, um espaço de **formação crítica** e não apenas de formação de mão-de-obra para o mercado; é inventar novos espaços de formação alternativos ao sistema formal de educação e negar a sua formação hierarquizada numa estrutura de mando e subordinação; é educar para articular as diferentes rebeldias que negam hoje as relações sociais capitalistas; é educar para mudar radicalmente nossa maneira de produzir e reproduzir nossa existência no planeta; portanto, é uma **educação para a sustentabilidade**.

É neste prisma, pensando em educar para outro mundo possível que o coordenador pedagógico escolar, assumindo a sua posição de líder, pode encorajar os educadores com quem trabalha para que assumam uma prática ecopedagógica, ensinando e aprendendo com uma visão ampla do mundo. Ao exercer seu poder de forma democrática e mais humanizada, o coordenador poderá determinar os caminhos

que a escola deve percorrer na busca da qualidade na educação, à proporção que o sucesso educacional depende de todos os integrantes que compõem a escola, o coordenador tem uma posição de destaque, ao instigar a reflexão das práticas pedagógicas que acontecem na escola.

3 DA EDUCAÇÃO AMBIENTAL A ECOPEDAGOGIA

Desde o Renascimento, em que o homem se tornou o centro das atenções à visão antropocêntrica foi incutida na mentalidade humana, de modo, a fazer o homem ter um pensamento egocêntrico e dirigente dos diversos setores de sua vida, sendo assim, a visão centrada no homem trouxe como efeito paulatino a destruição do seu espaço global, onde a falta de uma educação sustentável e de uma visão planetária, impossibilitou a conscientização dos possíveis resultados de suas ações.

Recorrendo a questões históricas, que especificam a preocupação mundial com o meio ambiente, encontra-se a Educação Ambiental como principal ação concreta para começar a minimizar todo histórico de degradação da terra que hoje marca a sociedade. Segundo Ruscheinsky (2012, p.82):

Os ambientalistas ousam associar o discurso a respeito da crise ambiental como igualmente um colapso da civilização. E entre as características da modernidade situam-se o domínio da natureza, a industrialização, a tecnificação, a racionalização, a concentração urbana; e entre as contemporâneas nomeamos a biotecnologia, o biopoder, a nanotecnologia, os agrotóxicos e a vida artificial.

Ponderada como o marco inicial da crescente preocupação com os problemas ambientais, a Conferência de Estocolmo, reuniu vários países na Suécia em 1972 para discutir a sobrevivência do planeta. Como resultado dessa conferência foi escrito um plano de ação que tinha como objetivo principal educar as pessoas para solucionar os problemas ambientais, dessa forma, nasce o que se convencionou chamar de educação ambiental.

A partir dessa conferência, passou-se a pensar mais sobre o meio ambiente, no entanto, foi apenas identificado o problema, mas não haviam ações planejadas de como resolvê-los. Como desdobramento da Conferência de Estocolmo, foi realizado em 1977, na cidade de Tbilisi, Geórgia, a primeira Conferência Intergovernamental sobre Educação Ambiental da ONU, com objetivos e estratégias mais claras a respeito de como a educação ambiental deveria acontecer a “Conferência de Tbilisi” culmina no programa internacional de educação ambiental, à medida que se constitui como um

plano de ação que se concretiza com a Educação Ambiental sendo elemento fundamental para uma educação orientada para a resolução dos problemas ambientais.

Por sua vez, é em 1992 na Conferência das Nações Unidas sobre Meio Ambiente e Desenvolvimento, que ocorreu no Brasil na cidade do Rio de Janeiro, que os debates sobre os problemas ambientais foram realizados não apenas com o intuito de discutir problemas ambientais, mas sim debater e firmar acordos relacionados a questões socioambientais que levem ao desenvolvimento sustentável mundial.

Considerado o maior encontro internacional de cúpula dos últimos tempos a ECO-92 como ficou conhecida, reuniu 175 países e 102 chefes de estado e de governo, além da forte participação de ONGs de várias linhas de atuação mundial. Como resultado dessa conferência foi debatido e assinado pelos países um acordo denominado Agenda-21, um programa de ação pautado no desenvolvimento sustentável do planeta, outro documento de destaque da ECO-92 foi a chamada Carta da Terra, declaração aprovada no Fórum Global 92 que aconteceu paralelo a RIO-92. A Carta da Terra incluiu princípios para nortear as questões do meio ambiente e do desenvolvimento. Contudo, Gutiérrez (1999, p.50) lembra que:

Pedagogicamente, não devemos esquecer que o discurso anunciado tem sentido único, universal, definido e “científico”. Em nome da ciência, ou da verdade estatisticamente comprovada, pretende-se persuadir os povos da convivência e até da necessidade e obrigatoriedade da doutrina ecologista.

É dentro desse contexto, e entendendo que o abismo existente entre o discurso e a prática ainda é muito grande, que a partir dos estudos e críticas a ECO-92, o Instituto Paulo Freire, representado por Moacir Gadotti, apregoa um movimento social baseado nos princípios ambientais, a ecopedagogia.

Hoje, a educação ambiental é a crença em um trabalho coletivo que envolve escola, família e sociedade, mas ainda não abrange as dimensões propostas pela ecopedagogia, já que a educação ambiental entra nas escolas como mais uma matéria isolada a ser encaixada no currículo, esquecendo-se da importância de trabalhar o contexto, pois como afirma Gadotti (2011, p. 16) “Devemos, pois, pensar o problema do ensino, considerando, por um lado, os efeitos cada vez mais graves da compartimentação dos saberes e da incapacidade de articulá-los.” Dessa forma, o conhecimento torna-se fragmentado não abrangendo de forma concreta a vida dos

alunos, para que estes torne-se pensadores de soluções que comecem a amenizar os problemas que o ambiente vem sofrendo.

Torna-se importante frisar que a ecopedagogia, não anula a educação ambiental, mas sim vai buscar nela as condições necessárias para a aplicação de soluções mais concretas para os problemas ambientais. Pois, a educação ambiental, como estava sendo aplicada não oferecia as condições para a elaboração de uma cultura sustentável. Guimarães (2000, p.84) mostra que para dar conta da complexidade dos problemas ambientais a educação ambiental deveria ser:

Uma educação Ambiental crítica aponta para transformações radicais nas relações de produção, nas relações sociais, nas relações home-natureza, na relação homem com sua própria subjetividade, num processo de construção coletiva de uma ética, uma nova cultura, novos conhecimentos. Processos esses assumidos por sujeitos individuais e coletivos que desvelam a necessidade da construção de novo paradigma, um novo modelo de relacionamento com a natureza e de intervenção histórica.

Por sua vez, a ecopedagogia, considera a ecologia como uma das ferramentas para a construção de novos valores, porém insuficiente para causar impacto na esfera planetária onde é preciso pensar nas questões da terra não apenas pautadas no que se vê, se sente ou se imagina para alguns anos.

É de suma importância definir a especificidade da ecopedagogia em intervir na reestruturação do pensamento e da ação humana, baseando-se na sustentabilidade; e para tal, traça ações primeiramente no campo mental e conseqüentemente no campo atitudinal.

Dessa maneira, a ecopedagogia e seu sentido se faz plausível diante de iniciativas com bases construtivistas, transdisciplinares, pluriculturais de uma abordagem transversal sobre o assunto. É um termo que não se limita a ecologia natural ou a ecologia social, mas em um novo modelo de civilização sustentável do ponto de vista ecológico.

Compreende-se nessa perspectiva que a ecopedagogia sugere uma harmonia ambiental, ao se estabelecer uma relação de respeito à vida entre o homem e a natureza. É dentro dessa mudança paradigmática que a Ecopedagogia busca sentido na educação, tornando-se uma ferramenta para a concretização de um desenvolvimento sustentável propondo condições para uma verdadeira transformação social. Martha Tristão confirma

o exposto ao dizer que: “A educação foi concebida como “instrumento” para viabilizar as ações ambientalistas por meio de uma “conscientização ecológica”.” (TRISTÃO, 2004, p.56).

4 A APLICAÇÃO DA ECOPEDAGOGIA COMO UMA INICIATIVA DO COORDENADOR PEDAGÓGICO

Ao passo em que a democratização escolar cresce, a figura do coordenador pedagógico escolar estabelece um equilíbrio fundamental entre as partes envolvidas no processo educacional. Quando tratamos da importância do professor coordenador na articulação do funcionamento da escola, é preciso levar em conta fatores a mais que a simples administração da instituição. É ele quem viabiliza a qualidade do desempenho do processo de ensino e de aprendizagem, através da elaboração de uma proposta pedagógica que é consoante ao currículo escolar.

Considerando a complexidade das variáveis sociais e o grau de intensidade das atividades do coordenador, o mesmo deve possuir claramente a fundamentação da proposta curricular, uma vez que, é ele o orientador das práticas do professor.

Dentro da proposta ecopedagógica a função é a mesma sendo que ele deixa de ser apenas um orientador de práticas pedagógicas do professor para potencializar uma cultura ecopedagógica no ambiente escolar. Da visão do articulador ecopedagógico as propostas a serem desenvolvidas podem e devem transladar a educação ambiental.

O incentivo aos professores para irem além do domínio do conteúdo é um trabalho dentro de um contexto transdisciplinar, tendo em vista a construção de mudança do pensamento reducionista para a proposta curricular adotada que tem uma dimensão holística do homem e sua relação com a natureza. Pois “o ensino é uma atividade relacional intencional. Se o relacional implica o confronto de subjetividades, o intencional implica atender a objetivos claramente explicitados e que sejam valiosos e exequíveis” (PLACCO; ALMEIDA, 2008, p.22).

Dessa forma, o currículo com base ecopedagógica propõe a resolução de problemas que são de interesses comunitários pautados no despertar da sensibilidade de um tema intrinsecamente relacionado com a sobrevivência humana. Essa proposta, assim, exige uma grande responsabilidade de todos os envolvidos, pois a idealização da

ecopedagogia é uma proposta com visão no futuro que está diante das incertezas do presente e exige a formação de um novo educador.

Uma das funções mais importantes do coordenador pedagógico é de fornecer subsídios para uma formação contínua dos professores, entendendo, a escola como o lugar que os professores aprendem. Assim, o coordenador deve assumir uma postura diferenciada ao conquistar a confiança dos educadores e apresentar as bases da educação ecopedagógica, como um eixo articulador dos conteúdos normativos. Contagiando os professores, já que o mesmo é o responsável pelo ensino, para assim instaurar uma cultura ecopegógica na escola.

O coordenador precisa realizar um trabalho intencional, mostrando a importância de um olhar mais sensível para os problemas ambientais. Acolhendo e animando os professores para que juntos construam um currículo ativo, onde os conteúdos programáticos sejam trabalhados de forma transdisciplinar, sempre buscando ter em foco as degradações pela qual passa o ambiente e de forma crítica instigar a comunidade escolar para a busca de soluções.

Mesmo sabendo que para o alcance desses objetivos se faz necessária a abrangência de toda a equipe, o líder sempre estará à frente das mudanças mostrando a direção e a busca de soluções, não se trata de um líder autocrático, mas de alguém que usa da interação com a equipe para proporcionar a motivação para uma ação. Ou seja:

É motivar os professores a buscarem alternativas que dêem significado à prática educativa. Isto permitirá que o ensino seja contextualizado dando à educação a característica transdisciplinar. Uma educação que transponha os espaços da sala de aula e que tenha os olhos voltados às necessidades sociais. (SILVA; POLENZ, 2002, p. 265)

Todavia, o coordenador não consegue operar no aparato conceitual da sustentabilidade sozinho, em um campo ao qual o tema é tão abrangente ao ponto de ser inevitável que exista a incorporação do termo e o abraço coletivo da comunidade escolar. Instalar um senso de responsabilidade ética para com os professores é algo cauteloso porque não é possível resolver com rapidez problemas com o nível e profundidade que a ecopedagogia propõe e tem-se a preocupação de não causar um sentimento de impotência nos professores. Vale ressaltar, que:

A vida cotidiana da escola se constrói mediante múltiplos processos – os sujeitos que atuam em cada instituição se organizam, estabelecem

relações, reagem de forma muito particular diante das normas do sistema educativo e aos desafios que enfrentam no seu dia-a-dia, “fabricando” um cotidiano próprio. (PLACCO; ALMEIDA, 2008, p.14)

Assim, o coordenador pedagógico ciente da sua função de mediação, irá trabalhar junto com o corpo docente para que reflitam as opções de prática pedagógica que aplicam, favorecendo a tomada de consciência sobre o cuidado com o ambiente, visando sempre a busca de alternativas para superar os obstáculos que acompanham as ações pedagógicas pautadas nos ideais ecopedagógicos.

Não é um papel fácil, pois não existe um manual de como a escola sustentável deve ser. É preciso buscar soluções dentro de cada comunidade, para responder aos desafios de enfrentar os problemas de como lidar primeiramente com as questões ambientais locais associando a resoluções de projetos futuros mais polêmicos.

Usando como fundamento as bases da nova formação tanto no campo epistemológico, quanto teórico e metodológico do ensino e da educação, é que o coordenador pedagógico escolar precisa ser o primeiro ente da escola a acreditar que realizar as mudanças necessárias à instauração de práticas ecopedagógicas é possível, no entanto, ciente de que os desafios são muitos, o mesmo precisa ter em mente que “novas realidades exigem novas respostas, o novo desafio é o nosso talento a rejeitar o conforto proporcionado pelas respostas conhecidas. Não se pode vencer um jogo novo, usando regras velhas” (PLACCO; ALMEIDA, 2008, p.14).

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Em face ao exposto, não é difícil concluir que o homem ao longo da história vem explorando a natureza de forma indiscriminada na busca do desenvolvimento que em nenhum momento pensou como essa exploração desenfreada fosse ocasionar consequências tão negativas para o meio ambiente. O fato é que hoje não dá mais para disfarçar as implicações geradas por tantas degradações que o planeta Terra está passando.

Assim, uma grande preocupação tem sido foco de muitos estudiosos, pois a ideia de que os recursos naturais nunca entrarão em decadência, precisa ser vencida e a busca de alternativas para que esse quadro seja mudado torna-se urgente. A busca por um desenvolvimento mais sustentável para o planeta é de fundamental importância para preservar o presente e garantir o futuro.

Sendo a educação fator fundamental para a construção de uma sociedade sustentável. Uma educação que cumpra efetivamente o seu papel, mediando o processo de ensino e de aprendizagem de forma significativa para o educando, criando nele uma sensibilização social que é tão importante para a reorientação da humanidade.

E é com esse objetivo, o de mudar o rumo da sociedade, que está inserida a ecopedagogia, que ao extrapolar os limites da educação ambiental, introduz a educação temas relacionados ao meio ambiente de forma interdisciplinar e transdisciplinar, desafiando todo o corpo escolar a compreender as variadas formas que existe para a interação com a natureza.

Diante desse quadro, o presente texto, focou em como o coordenador pedagógico escolar, enquanto um ator importante que compõe o coletivo da escola pode ajudar na transformação da realidade educacional em que está inserido e como formador dos professores com que trabalha, pode utiliza-se desse novo paradigma ecopedagógico para instaurar uma cultura efetivamente sustentável não só dentro do ambiente escolar, como também na comunidade em que a escola está inserida.

Constatou-se então, que o coordenador pedagógico ao aliar a execução do seu trabalho de forma responsável e conectada com os atuais problemas ambientais à formação continuada dos professores, fazem com que os ideais da ecopedagogia possam se concretizar. Trabalhar com entusiasmo e ciente do objetivo que se quer atingir; é assim que o coordenador pedagógico escolar contribui para a verdadeira mudança.

Vivencia-se um momento ímpar no que concerne à mudança de paradigmas sociais, fazendo com que o homem depare-se com inúmeras e novas questões sobre os rumos da humanidade e sua relação com a natureza. A ecopedagogia é o primeiro passo de muitos que precisam ser dados para a consolidação de uma educação pautada nos ideais de sustentabilidade e o coordenador pedagógico escolar o incentivador desses primeiros passos.

BIBLIOGRAFIA

ALMEIDA, Laurinda Ramalho de; PLACCO, Vera Maria Nigro de Souza. **O coordenador pedagógico e o cotidiano da escola**. São Paulo: Edições Loyola, 2008.

GADOTTI, Moacir. **Educar para um outro mundo possível**. 1.ed. São Paulo: Publisher Brasil, 2007.

_____. **Perspectivas Atuais da Educação**. 1. Ed. Porto Alegre: Livraria Artmed, 2000.

_____. **Pedagogia da Terra**. São Paulo: Peirópolis, 2000.

GUTIÉRREZ, Francisco. **Ecopedagogia e cidadania Planetária**; tradução Sandra Trabucco Valenzuela. São Paulo: Cortez, 1999.

HERNÁNDEZ, Fernando. **Transgressão e mudança na educação: os projetos de trabalho**; tradução Jussara Haubert Rodrigues. Porto Alegre: Artmed, 1998.

MORIN, Edgar. **A Cabeça Bem-Feita: repensar a reforma, reformar o pensamento**; tradução Eloá Jacobina. 19ªed. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2011.

RUSCHEINSKY, Aloisio. **Educação Ambiental: abordagens múltiplas**. 2. Ed. ver. e ampl. Porto Alegre: Penso, 2012.

SILVA, da Dondé Lauraci; POLENZ, Tamara. **Educação e contemporaneidade: mudança de paradigma na ação formadora da universidade**. Canoas: Ed. ULBRA, 2002.

TRISTÃO, Martha. **A educação ambiental na formação de professores: redes de saberes**. São Paulo: Annablume; Vitória: Facitec, 2004.